



Diversidade:
Diferentes,

não

Desiguais

Denise Pereira
(Organizadora)

Atena
Editora

Ano 2019

Denise Pereira
(Organizadora)

Diversidade: Diferentes, não Desiguais

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D618 Diversidade [recurso eletrônico] : diferentes, não desiguais /
Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Diversidade: Diferentes, Não Desiguais; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-090-2

DOI 10.22533/at.ed.902190502

1. Ciências sociais. 2. Igualdade. 3. Psicologia social.
4. Tolerância. I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 302

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Em pleno século XXI deveria ser natural vivenciar a diversidade, pois aceitá-la não é apenas conseguir lidar com gêneros, cores ou orientações sexuais distintas, mas principalmente respeitar ideias, culturas e histórias de vida diferentes da sua.

A intolerância muitas vezes manifestada em virtude de uma generalização apressada ou imposta por uma sociedade, leva ao preconceito. E, esse preconceito leva as pessoas a fazerem juízo de valor sem conhecer ou dar oportunidade de relacionamento, privando-as de usufruir de um grande benefício: aprender e compartilhar ideias com pessoas diferentes.

A partir da discussão de conceitos de cor, raça, gênero, que nada mais é do que um dispositivo cultural, constituído historicamente, que classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como feminino e masculino, negro e branco, os autores deste livro nos convidam a pensar nas implicações que esse conceito tem na vida cotidiana e como os arranjos da diversidade podem muitas vezes restringir, excluir e criar desigualdade.

Boa leitura

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
(RE)CONSTRUÇÕES DAS IDENTIDADES DE GÊNERO E DAS CORPORALIDADES EM A PELE QUE HABITO	
Vivian da Veiga Silva Ana Maria Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.9021905021	
CAPÍTULO 2	7
“LGBTTRABALHADORES”: OS FORA DA NORMA INSERIDOS NO MERCADO DE TRABALHO	
Rafael Paulino Juliani Rosemeire Aparecida Scopinho	
DOI 10.22533/at.ed.9021905022	
CAPÍTULO 3	16
“BAIXOU A 1140 AQUI?” DIFERENÇAS E DISTINÇÕES NAS PRAIAS GAYS DE COPACABANA E IPANEMA	
Alexandre Gaspari	
DOI 10.22533/at.ed.9021905023	
CAPÍTULO 4	23
A IGUALDADE DE GÊNERO E O EMPODERAMENTO FEMININO COMO OBJETIVO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	
Ana Claudia Lopes Venga Larissa Valim de Oliveira Farias	
DOI 10.22533/at.ed.9021905024	
CAPÍTULO 5	36
A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E O PROCESSO DE FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO NO BRASIL	
Ana Carla Menezes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.9021905025	
CAPÍTULO 6	47
BRINCAR DE BONECA É COISA DE MENINO. E DE MENINA TAMBÉM!	
Lorena Marinho Silva Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.9021905026	
CAPÍTULO 7	59
CIBORGUES E CIBERFEMINISMOS NO TECNOCAPITALISMO	
Cláudia Pereira Ferraz	
DOI 10.22533/at.ed.9021905027	
CAPÍTULO 8	81
BRINCADEIRAS INFANTIS E MODERNIDADE: BRINQUEDOS TÊM GÊNERO?	
Alexandra Sudário Galvão Queiroz Maicon Salvino Nunes de Almeida Celia Nonato	
DOI 10.22533/at.ed.9021905028	

CAPÍTULO 9 88

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA CLÍNICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO COM MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA

Lacilaura Bomtempo Lamounier Costa

Bruna Afonso Gibim

Rafael De Tilio

DOI 10.22533/at.ed.9021905029

CAPÍTULO 10 94

CONHECIMENTO DA ENFERMAGEM SOBRE PESSOAS TRANSEXUAIS: REVISÃO INTEGRATIVA

Carla Andreia Alves de Andrade

Alberto Magalhães Pires

Taiwana Batista Buarque Lira

Karla Romana Ferreira de Souza

Rianne Rodrigues de Lira

Wanderson Santos Farias

Josueida de Carvalho Sousa

Andréa Roges Loureiro

DOI 10.22533/at.ed.90219050210

CAPÍTULO 11 106

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO DIRIGIDA À MULHER NEGRA NO ÂMBITO DOMÉSTICO E FAMILIAR

Nayra Leal Feitosa

Felipe Silva Duarte

Joseane de Queiroz Vieira

DOI 10.22533/at.ed.90219050211

CAPÍTULO 12 114

CRÍTICA SOBRE A FORMAÇÃO DA IDEOLOGIA DE SUBMISSÃO FEMININA: EM ESPECÍFICO OS ESPAÇOS PÚBLICOS

Heloisa Silva Alves

DOI 10.22533/at.ed.90219050212

CAPÍTULO 13 121

DISCURSO, MÍDIA E INFORMAÇÃO: SENTIDO E SIGNIFICAÇÃO DOS MATERIAIS INSTRUCIONAIS DA SEGURANÇA PÚBLICA NA COMUNIDADE LGBTQTTI

Deyvid Braga Ferreira

Lívy Ramos Sales Mendes de Barros

DOI 10.22533/at.ed.90219050213

CAPÍTULO 14 136

FACEBOOK E HOMOSSEXUALIDADE: ENUNCIADOS E PRECONCEITO NA REDE SOCIAL

Rodrigo Luiz Nery

DOI 10.22533/at.ed.90219050214

CAPÍTULO 15	151
FEMINISMO E GÊNERO: CONTRIBUIÇÕES EPISTEMOLÓGICAS DOS ESTUDOS BRASILEIROS	
Dejeane de Oliveira Silva	
Mirian Santos Paiva	
Edméia de Almeida Cardoso Coelho	
Fernanda Matheus Estrela	
Raiane Moreira Coutinho da Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.90219050215	
CAPÍTULO 16	162
GÊNERO, ESCOLA E FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORAS: PROBLEMATIZANDO REPRESENTAÇÕES HEGEMÔNICAS	
Andrea Geraldí Sasso	
Fabiane Freire França	
DOI 10.22533/at.ed.90219050216	
CAPÍTULO 17	173
INTERFERÊNCIAS DA VISÃO ANDROCÊNTRICA NO PROCESSO DE PRODUÇÃO DAS SENTENÇAS SOBRE OS CRIMES DE ESTUPRO CONTRA MULHERES	
Lívy Ramos Sales Mendes de Barros	
Wanessa Oliveira Silva	
Deyvid Braga Ferreira	
José Humberto Silva Filho	
Marcus Vinicius de Almeida Lins Santos	
DOI 10.22533/at.ed.90219050217	
CAPÍTULO 18	186
MACHISMO INVISÍVEL E A CATEGORIZAÇÃO DAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS	
Lycia Rinco Borges Procópio	
Jarbene de Oliveira Silva Valença	
DOI 10.22533/at.ed.90219050218	
CAPÍTULO 19	194
O FEMINISMO NO CORPO DA MULHER TRANS	
Diana Dayane Amaro de Oliveira Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.90219050219	
CAPÍTULO 20	201
O PROBLEMA DO PATRIARCADO E A MANUTENÇÃO DA CULTURA DO ESTUPRO	
Lissa Furtado Viana	
Emannuely Cabral de Figueiredo	
Otávio Evangelista Cruz	
Raíssa Feitosa Soares	
Djamiro Ferreira Acipreste Sobrinho	
DOI 10.22533/at.ed.90219050220	
CAPÍTULO 21	210
PALAVRAS: ESCRITA FEMININA, LUSOFONIA, ÁFRICAS	
Izabel Cristina Oliveira Martins	
DOI 10.22533/at.ed.90219050221	

CAPÍTULO 22 221

OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS MULHERES PRETAS LÉSBICAS NO MERCADO DE TRABALHO EM SALVADOR

Juliana de Castro Braz
Tânia Moura Benevides

DOI 10.22533/at.ed.90219050222

CAPÍTULO 23 231

OS CABARÉS IPUENSES: O COMÉRCIO DO SEXO EM IPU (1960-1980)

Francisco de Souza Lima Filho
Dalvanira Elias Camelo

DOI 10.22533/at.ed.90219050223

SOBRE A ORGANIZADORA..... 237

FACEBOOK E HOMOSSEXUALIDADE: ENUNCIADOS E PRECONCEITO NA REDE SOCIAL

Rodrigo Luiz Nery

Universidade Federal De Alfenas
Instituto De Ciências Humanas E Letras
Alfenas / MG

RESUMO: Este trabalho foi elaborado nos moldes de um relato de experiência no qual o autor pesquisou, na rede social ‘*Facebook*’, publicações que despertaram enunciados preconceituosos contra relações que fogem do padrão heterossexual. Através dessa pesquisa, buscou-se entender o que existe por trás desses discursos que disseminam a homofobia, na tentativa de problematizar, nestes casos, o que os sujeitos comentaristas pensam acerca da homossexualidade e o que emerge com relação às categorias heteronormativas. A pesquisa identificou que os ideais religiosos estão presentes nos enunciados de forma a qualificar o padrão normativo das questões que envolvem a sexualidade. Ainda emergiram enunciados contendo as seguintes perspectivas: promiscuidade, patologias, entidades demoníacas e, também, aqueles/as que acreditam que um sujeito pode se tornar homossexual por influência de terceiros/as. A rede social é um meio digital de vozes que carecem de análises e problematizações no que diz respeito às formas de violência contra

as diferenças, e nesse sentido são necessárias medidas que visem o combate a esse tipo de intolerância virtual.

PALAVRAS-CHAVE: Homossexualidade. Facebook. Violência. Educação. Sexualidade.

INTRODUÇÃO

A Internet, através das redes sociais, tem sido uma grande disseminadora de informações, enunciados e opiniões acerca dos mais diversos temas, em diversas redes sociais. Através do *Facebook*, muitos movimentos debatem e defendem seus ideais, porém, há inúmeros/as usuários/as que utilizam deste espaço para expressarem suas opiniões e semearem discórdias, compartilhando informações de todas as espécies, e tudo isso de uma forma mais fácil, direta e sem receios de um contato real. Hoje, os grupos e perfis públicos são verdadeiros *chats* em que usuários/as despejam informações como bem entendem, sem se importarem se irão ou não atingir outros/as participantes. A legislação acerca dos crimes virtuais vêm ganhando destaque, mas, mesmo assim, o “povo virtual” quer falar, expressar e lutar por suas ideologias.

As temáticas que envolvem os/as LGBTQIA+ têm ganhado cada vez mais espaço nas redes sociais e, com isso, são crescentes as

discussões acaloradas entre esse público e aqueles/as mais conservadores/as, que tentam justificar com inúmeros argumentos o porquê da “não-aceitação” da orientação sexual que divirja da heterossexual. Esse emaranhado de informações tórpidas, que agridem aqueles/as que não são heterossexuais, chamou-me a atenção a ponto de querer esmiuçar essas vozes tão eloquentes, e problematizar porque os/as seus/as portadores/as pensam dessa forma.

A homofobia, no *Facebook*, é compartilhada, curtida e comentada por pessoas todos os dias, em diversas páginas e perfis públicos. Problematizar o que leva esses sujeitos a incitarem ódio e discriminação numa rede social é importante para passarmos a entender o que motiva essa disseminação de preconceito e, a partir daí, levar às escolas e ambientes de trabalho debates que façam os/as alunos/as e colaboradores/as a refletirem sobre essas temáticas, formando cidadãs/ãos que sejam críticos/as e que também possam contribuir para o combate a esse tipo de intolerância.

É necessário entender o que faz esses sujeitos não aceitarem que a homossexualidade não é uma opção, mas sim uma orientação, da qual o indivíduo não tem capacidade de escolha, conforme CARRARA *et al.* (2009, p. 127):

“Muitos cientistas e ativistas não consideram correto, hoje em dia, referir-se à homossexualidade ou à bissexualidade como ‘opções’, dado que, em se tratando de escolhas, seria mais fácil ‘optar’ pela heterossexualidade, que é aceita como ‘normal’, ao invés de ‘optar’ pela homossexualidade, que é discriminada e perseguida. O que se sabe é que a orientação sexual existe sem que a pessoa tenha controle direto sobre ela. Não se trata, portanto, de algo que se escolhe voluntariamente ou se modifique segundo as conveniências”.

A maioria dos discursos que violentam verbalmente o público LGBTT é composta de afirmativas das quais dão a entender que o sujeito “está” homossexual porque quer, e não porque ele assim o “é”. Comumente se vêem também enunciados vulgares que associam a homossexualidade com fatores negativos, como promiscuidade, drogas e a ausência de uma religião e/ou um Deus, de forma generalizada.

Posteriormente, apresentarei algumas publicações de diversas páginas públicas da rede social *Facebook*, contendo alguns enunciados homofóbicos, nos quais analisaremos o perfil e o que pensam esses/as disseminadores/as do preconceito. Serão utilizados nomes fictícios, visto que o foco da pesquisa está nos enunciados e nas problematizações surgidas a partir deles, e não nos/as próprios/as comentaristas. Os enunciados serão transcritos na linguagem empregada por seus/as redatores/as, ou seja, uma linguagem informal e com utilização do *internetês*, muito comum nas redes sociais.

HOMOSSEXUALIDADE *VERSUS* RELIGIÃO

Podemos observar, no *Facebook*, o quanto os/as líderes religiosos/as e suas igrejas e comunidades cristãs insistem em condenar a homossexualidade, utilizando-se de passagens bíblicas. No perfil “*Mães pela Diversidade*”, cujo lema é “*Tire seu preconceito do caminho, queremos passar com nosso amor*”, há uma publicação de um casal formado por duas senhoras com a seguinte frase “*Me explica de novo, como o casamento delas ameaça a sua família?*”. Trata-se de um casal homoafetivo, formado por duas mulheres idosas, que parecem ter conseguido algum reconhecimento de sua longa união. O que para elas é uma vitória, para alguns/mas é imoral e desrespeita a família cristã e tradicional, como podemos ver nos enunciados abaixo:

Júlia: *Linda imagem!!!!*

Regina: *E Deus fez o homem e a mulher para se unirem!!!!Fato leiam a bíblia!!!!*

Fausto: *Regina, Li a bíblia e tá mandando matar meu filho e dar como oferenda. Não quero. E agora?*

Paula: *Na Bíblia está mandando amar uns aos outros como nossos irmãos... E isso não acontece... Ao começar por você... Você é hetero um ser humano... sou homossexual e sou um ser humano e não te julgo por ser hetero... Mais amor por favor...*

Regina: *Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; abominação é. (Lv18:22) “Quando também um homem se deitar com outro homem, como uma mulher, ambos fizeram abominação; certamente morrerão; o seu sangue será sobre eles”. (Lv20:13).*

Diante do comentário de *Regina*, que se ampara na Bíblia para argumentar; *Fausto* traz também um argumento forte, que se diz também bíblico, para questioná-la, mas a mesma reforça sua ideia trazendo a citação bíblica que, segundo ela, condena pecaminosa a homossexualidade, e não responde a questão levantada pelo usuário *Fausto*.

Percebe-se o quanto as pessoas homofóbicas espalham seus discursos de ódio sem se preocuparem em ter subsídios para fortalecer seus argumentos. Utilizam-se de frases clichês, normalmente envolvendo versículos bíblicos. Ao citar Levíticos, observamos o quanto à religião se apodera de um livro bíblico do Antigo Testamento para reforçar sua ideia de que a homossexualidade é abominável.

Numa outra página do *Facebook*, intitulada *Parada Hetero Brasil*, uma publicação dizendo que casal é homem e mulher recebeu os seguintes comentários:

Marina: *O que Deus criou: Homem e Mulher.*

Elaine: *Isso sim é um casal.*

Vânia: *Isso mesmo.*

Rogério: *Coisa mais normal, simples assim.*

Mais uma vez temos argumentos “clichês” para defender os padrões heteronormativos. A presença de Deus como opressor e punitivo está subentendida na

fala de *Marina*, a partir do momento que fala na criação divina. Conforme NATIVIDADE (2009, p. 130):

“ao apresentarem o homossexualismo como prática contingente e moralmente condenável, os discursos sustentados por segmentos religiosos conservadores mais radicais subtraem a legitimidade às identidades LGBT e às reivindicações por cidadania correlatas.”

Teremos, a partir de agora, um exemplo disso. Na página do deputado e pastor Marco Feliciano, ele critica o fato do Governo estar aberto às questões referentes à diversidade sexual. No dia 23 de outubro de 2014, ele publicou uma imagem com o título “*Agendas Transversais – Ministério do Planejamento*”, que trazia as metas e objetivos dessa Agenda: “*Política para as Mulheres: Promoção da Autonomia e Enfrentamento à Violência*”; “*Fortalecer um cultura social igualitária entre mulheres e homens, não sexista, não racista, não lesbofóbica, mediante apoio às políticas de educação e qualidade, além de políticas culturais, de esporte e lazer que assegurem tratamento igualitário entre homens e mulheres pelas instituições e pelos profissionais*”; e “*Formar 140 mil profissionais da rede pública de educação nas temáticas de gênero, relações etnicorraciais e orientação sexual por meio do Programa Gênero e Diversidade na Escola*”.

Acima da imagem publicada, Marco Feliciano teceu o seguinte enunciado: “*Veja o que querem fazer com nossas crianças. Você concorda com isso? O PT ignorou as lideranças evangélicas e católicas, mas recebeu de braços abertos ativistas gays, destinando milhões de reais para a promoção de sua ideologia*”. Como vimos, apesar da agenda trazer vários objetivos, o pastor se atenta apenas para a questão da “homossexualidade”, e conseguiu mais de 4.600 curtidas, mais de 1.300 comentários e cerca de 140 mil visualizações. Abaixo, iremos ver alguns desses enunciados, redigidos por fiéis e admiradores/as do pastor, deputado, cantor, escritor, conferencista internacional, e Presidente da Igreja Assembléia de Deus Catedral do Avivamento, Marco Feliciano:

Fábio: *Estamos vivendo tempos de Sodoma e Gomorra!!! O PT está abrindo espaço para a degradação da moral.*

Laura: *Socorro! Pastor do céu... Temos que parar com essa palhaçada! Não sei como pode haver eleitores que ainda votam no PT.*

Reinaldo: *Tem muitas pessoas que se dizem cristãos, evangélicas ou crentes, e não tão nem aí para essas notícias! Infelizmente isso é muito triste!*

Márcio: *Poxa, vou votar no 45, você me convenceu por respeito ao senhor Marco Feliciano.*

Sara: *Só pelo fato do PT ir contra princípios de Deus já não devemos votar, mesmo que a Dilma fosse a melhor presidente. Não devemos ter aliança com quem é contra princípios cristãos. Respeito o meu próximo independente da opção sexual, eles devem ser respeitados desde que respeitem também, agora querer formar heteros em homossexuais já é demais, então quando a mulher ganha um filho ela nem pode dizer se é uma menina ou um menino?*

Miguel: *É por essas e outras que devemos mandar Dilma passear.*

Érica: Isso não tem nada a ver com cristãos... isso é caso de polícia... O governo federal tem que dar um basta nestas distorções... Crianças e adolescentes tem que ter seu tempo de inocência respeitado.

Raiane: *PT Partido das Trevas!*

Adriano: *Alguém ainda tem dúvida? Isso é terrorismo contra a família, contra a moral e a nossa dignidade, mas aonde já se viu, isto é imposição, ditadura, são pessoas pervertidas, cheio de imoralidade, é um bando de irresponsáveis, cambada de vagabundos. Toca um fio de cabelo nos meus filhos, aí tu vai ver o que é homofóbico, abaixo de Cristo, morro pelos meus filhos, e fica sabendo não tenho medo de vocês.*

Jéssica: *Só Jesus nessa causa e nós cristãos muito jejum e oração, é só o começo de muitas afrontas.*

Raul: *Olhem [marca diversos amigos do Facebook na publicação] Agora me digam. Dá pra cristão, católico ou evangélico votar no PT? Algum de vocês desconhece que o PT lamentou o aumento da bancada evangélica?*

Sandra: *Sou educadora, sou contra toda ideologia do PT nas escolas. Quer na pedagogia, quer nos conteúdos, quer nos métodos, quer na maneira de administrar a escola. Em 40 anos de magistério, nunca vi tamanho abuso em todos os sentidos. O pior é que eles douram as pedras mostrando-a como se fossem pérolas. Temos o direito de educar nossas crianças segundo nossos valores e crenças. NINGUÉM tem o direito de enfiar goela abaixo os conceitos de grupos radicais e muito menos de incentivá-los. Abaixo a tirania do PT.*

Alice: *Só a misericórdia de Deus. Vamos orar, Brasil.*

Luana: *Não aceito isso para meu filho, não que eu tenho preconceito mas crio meu filho para ser um homem de Deus e não gay.*

Diego: *Absurdo, além de serem ladrões e corruptos, são a favor da baixaria. Fora cambada do PT.*

Luís: *Essa ditadura gay nunca prevalecerá! Deus não permitirá que nossos filhos passem por isso! Levantemo-nos, estamos em guerra! Domingo começa a batalha! 45 Aécio! A família dessa nação será honrada!*

Hélio: *Do jeito que o diabo gosta!*

Edir: *João Campos (PSDB-GO), líder da Frente Parlamentar Evangélica da Câmara, pretende permitir que a homossexualidade seja tratada como um transtorno passível de cura. Para tanto, o projeto de decreto legislativo prevê a abolição de dois artigos instituídos em 1999 pelo Conselho Federal de Psicologia que proíbem a emissão de opiniões públicas ou o tratamento da homossexualidade como transtorno.*

Laís: *Eu tenho um vizinho que é gay, uma vez ele me falou que sabe quando é o espírito de uma mulher que vai no corpo dele, mas que não é sempre assim não...*

Francisco: *[Marcou o amigo do Facebook] Veja o que o governo que você tanto apóia quer difundir e financiar em todas as classes de nossa sociedade! Pense bem! Você tem sobrinhos! Isso é muito sério! É só uma das coisas podres que o teu PT apóia!*

Sílvia: *Absurdo. Uma coisa é orientar as crianças para que respeite o próximo, seja ele homossexual, heterossexual, pobre, branco, nortista, nordestino, índio, negro, estrangeiro, rico, portador de limitação, etc, pois é também dever da escola. Outra coisa é o que o governo imoral e corrupto do PT está fazendo, induzindo e estimulando nossas crianças a optarem pela homossexualidade, nos empurrando goela abaixo a ditadura do gaysismo, e tudo isso com o dinheiro que nos é surrupiado pela alta carga de impostos. Estamos num processo de gaysificação da sociedade, daqui a pouco, se não tomarmos nenhuma iniciativa, vamos ter que lutar contra um possível movimento HETEROFÓBICO.*

Catarina: *Deus é mais, pois eu tenho uma filha de oito anos e um de três e eu já ensino que isso é coisa do diabo, e se um dia na escola dela for distribuído essa cartilha gay eu tiro ela da escola na mesma hora. E o meu filho de três anos já tá aprendendo o que é de Deus o que é do inimigo. E tem tantas pessoas que se dizem cristã e vota no PT, piada isso né...*

Frederico: *Pergunte aos seus pais quando eles colocaram você no mundo se eles queriam vocês gays. Ou se seu pai fosse gay hoje você existiria...*

Cláudio: *Vamos para a guerra defender nossa crença, não é isso que os LGBT querem...?*

Danilo: *É isso que o Brasil quer, uma pouca vergonha e temos que calarmos e ficar quietos porque senão *falam que somos homofóbicos...**

Alexia: *Não sou homofóbico... AINDA... mas estou enojada com as leis monstruosas criadas por monstros... Criaturas nojentas e asquerosas que rastejam como cobras e querem impor suas insanidades (...) Mas um pequeno grupo, sei que não são todos, os homossexuais são ignorantes como estes que querem que todos tenham profundo ódio de idiotas que querem que as pessoas aceitem leis insanas... São louco que outros loucos estão ouvindo... Tenho uma filha de dois anos, prefiro ser presa e nunca mandá-la a uma escola que ensine a ela a burrice que querem implantar... Na minha opinião e de muitos que conheço, essas propostas feitas por idiotas está saindo pela culatra... Nunca o preconceito contra os homossexuais foi tão debatido... E tão odiado! Espero que essas leis não vigorem... Não haverá cadeias para todos que vão ser contra... o preconceito vai virar ódio... e muitos assim como eu nunca mais irá votar em ninguém... para não dar poder a mais idiotas...*

Marcus: *Incrível muitos auto afirmarem que já nasceram homossexuais. Seria o mesmo dizer que todos já nasceram condenados. Sabe a diferença daqueles que sentem atração por criança ante aqueles que sentem atração por animais e pessoas do mesmo sexo? Mesma coisa! A diferença vem sobre o ato consumado, pois alguém precisa ter um comportamento homossexual para ser chamado de gay, da mesma sorte que um adulto precisa cometer abuso sexual contra a criança para ser considerado um pedófilo. Enfim, aqueles que sentem atração por animais para ser considerado pelo crime de zoofilia. O que eu tô tentando dizer é o seguinte que existem sentimentos e atrações sexuais despertadas em todo gênero humano e é uma tentação que precisa ser vencida. Ou seja, o mesmo espírito de pomba-gira que usa os homoafetivos podem usar os pedófilos, adúlteros, enfim. Pois muitos dizem eu nasci assim. Então aquelas pessoas que só sentem atração por menores, seria o mesmo dizer que eles nasceram assim? Deus nos criou totalmente perfeitos em espírito, ele jamais iria criar um ser humano desde o ventre pecador. A doença que precisa ser curada na vida dos homoafetivos e de todos aqueles que tem transtorno sexual é exatamente a libertação através da palavra de Deus.*

Os enunciados acima, expostos na publicação do pastor e deputado Marco Feliciano, foram tecidos às vésperas das eleições presidenciais de 2014, e mostram claramente que os/as seguidores/as do pastor compartilham de sua ideologia, que é contra os movimentos LGBTT, inclusive contra o curso de especialização do qual esse trabalho é o objetivo. Conforme expõe NATIVIDADE (2009, p. 130), essas pessoas fazem com que ocorra a reiteração da heterossexualidade compulsória:

“A reiteração da heterossexualidade compulsória em discursos religiosos pode se manifestar de maneiras e graus distintos, variando desde o total silêncio acerca da diversidade sexual e de gênero até a produção de estereótipos que operam por uma franca estigmatização de pessoas LGBT. O confronto de sujeitos que aderem a perspectivas conservadoras com a visibilidade e a articulação política de minorias sexuais enseja justificações religiosas que podem comparecer como fonte de legitimidade para estes juízos qualificáveis como homofóbicos, extraindo sua força de cosmologias, crenças e práticas cristãs. A homofobia religiosa, contudo, não se restringe ao plano das interações e aos manuais de cuidado pastoral. Formas de repúdio muito mais explícitas que a estratégia de acolhimento podem se configurar, atravessando a esfera privada e emergindo no espaço público.”

Percebemos que alguns comentários parecem, de certa forma, incoerentes e, em alguns momentos, até de difícil entendimento, até porque se trata de uma “troca de ideias” informal numa rede social. Mas analisaremos algumas situações em torno desse extenso diálogo, fazendo algumas observações acerca do que cada um/a dos/as comentaristas pensam acerca dos/as LGBTT.

HOMOSSEXUALIDADE ASSOCIADA À PROMISCUIDADE

Os enunciados de *Fábio*, *Adriano*, *Diego* e *Danilo* mostram que eles consideram a orientação homossexual como sinônimo de “baixaria”, “perversidade” e “promiscuidade”. *Fábio* compara o momento atual, devido às lutas dos movimentos LGBTT, a tempos de Sodoma e Gomorra, exaltando que, dessa forma está se abrindo espaço para degradação da moral. Na mesma linha, *Adriano* reforça a ideia de que os movimentos praticam terrorismo contra a família, contra a moral e contra a dignidade, chamando os/as homossexuais de “cambada de vagabundos” e “irresponsáveis”. *Diego* indigna-se com o fato do partido político ser a favor da “baixaria”, enquanto *Danilo* usa o termo “pouca vergonha”. Podemos perceber, através de NATIVIDADE (2009, p. 138-139), o quanto as questões discutidas pelos quatro comentaristas são as mais citadas pelos/as religiosos/as homofóbicos/as quando estes/as se utilizam da Bíblia para fomentar suas argumentações e, a partir daí, concluir que a homossexualidade está diretamente ligada a perversidade e promiscuidade:

“A conhecida passagem de Sodoma e Gomorra, localizada em Gênesis – capítulo 1, a partir do versículo 19 – é possivelmente a mais citada. Conforme esta leitura, a cidade de Sodoma teria sido destruída em razão do “pecado” do “homossexualismo”: a casa de Ló, sobrinho do patriarca Abraão, é invadida por “varões daquela cidade” que exigem manter relações sexuais com dois anjos do Senhor, que se encontravam ali hospedados. Deus teria destruído a cidade de Sodoma em decorrência da prática deste pecado, e desde então enviaria pestes, epidemias e morte de modo a dizimar homossexuais, nações idólatras e outros pecadores. A citação do livro de Levítico é também recorrente. Os versículos 19 a 30 tratam das uniões “abomináveis”. O versículo 22, especificamente, instruiria que o ato sexual entre pessoas do mesmo sexo constitui uma abominação, visto que Deus reprovava o comportamento de “varão que se deita com outro varão”, “como se fosse mulher”. De acordo com esta interpretação da “Lei de Deus”, relações sexuais consideradas legítimas e não-condenáveis só poderiam se dar entre pessoas de sexos opostos. As passagens de Romanos, capítulo 1, e a Primeira Epístola aos Coríntios comparecem também para legitimar este ponto de vista. A primeira compreende uma exortação do apóstolo Paulo – Romanos, capítulo 1, versículos 26 e 27 – contra as “paixões infames”. Ato sexual divergentes da heterossexualidade constituiriam uso “antinatural” do corpo. Homens e mulheres que se deitam com pessoas do mesmo sexo cometeriam “torpeza”, estando sujeitos ao “castigo” de Deus. Já a passagem da Primeira Epístola aos Coríntios, conforme esta visão conservadora, afirma que “efeminados” e “sodomitas”, do mesmo modo que “ladrões”, “avarentos” e “prostitutas”, não teriam acesso ao “Reino de Deus”. Este trecho, em particular, é usado como prova de que gays e lésbicas estariam destinados à “danação eterna”. Tais passagens bíblicas constituem justificações religiosas para o interdito da homossexualidade, nesse contexto religioso, imbricadas a códigos de santidade e a definições rituais de estados de pureza e impureza”.

Parece-nos, então, que o pensamento dos quatro comentaristas são condizentes ao que os/as pastores/as e líderes religiosos/as expõem em seus cultos e suas pregações acerca da homossexualidade. Uma situação preocupante é o fato de que muitos/as homofóbicos/as, ao associarem a homossexualidade à promiscuidade, envolvem também questões ligadas à saúde, condenando as práticas homossexuais como disseminadoras de doenças, principalmente a AIDS, como mostra também NATIVIDADE (2009, p. 150 a 151), quando cita dados de uma revista intitulada “Mensageiros da Paz”:

“É recorrente também aqui a representação da diversidade sexual como fonte de perigo, associando-a principalmente à difusão da epidemia de AIDS no país. Uma reportagem do Mensageiro da Paz (Edição 1478, julho de 2008), intitulada “OMS admite que contaminação por AIDS é própria da prática homossexual”, retoma o tema. Este artigo afirma que “quem pratica ato sexual diferente daquilo que Deus projetou sofre consequências graves”, sugerindo que a AIDS seria uma dessas consequências: “Dados revelam: só há epidemia de HIV entre homossexuais, usuários de drogas injetáveis e promíscuos que praticam o que a Bíblia chama de sexo não-natural”. Segundo a reportagem, informações da Organização Mundial de Saúde revelariam que “inexiste a epidemia de AIDS entre heterossexuais no mundo”, pois “a epidemia entre heterossexuais nunca existiu”. A mídia teria manipulado dados para “despertar a simpatia com a causa homossexual”

A afirmação feita pela reportagem citada traz dados totalmente contrários à realidade. Dados do boletim epidemiológico, BRASIL (2013), no site do Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, do Governo Federal, revelam que, entre os homens, 43,5% dos casos de infecção ocorreram através de relações heterossexuais, enquanto 24,5% por relações homossexuais, 7,7% por relações bissexuais, e o restante por outras formas de contágio.

Podemos entender que discursos como estes analisados neste tópico são baseados apenas em citações do Antigo Testamento e, além de associar a homossexualidade à promiscuidade, espalham a afirmativa equivocada de que a AIDS é um castigo que Deus enviou para punir aqueles/as que fogem do modelo heteronormativo. De acordo com JÚNIOR (2002), mesmo após mais de três décadas desde o surgimento da AIDS, no início dos anos 80, os/as homossexuais continuam a sofrer com os estigmas e o preconceito decorrentes da associação “homossexualidade – AIDS/HIV”. A doença que, no início era chamada de “câncer gay”, “peste gay”, “câncer rosa” e GRID (*Gay Related Immunodeficiency*), por muitos/as homofóbicos/as ainda é vista nesta mesma perspectiva dos anos oitenta. Em paralelo é importante lembrar que foram os/as homossexuais/as os/as primeiros/as a se mobilizarem diretamente para enfrentar os desafios da epidemia, inclusive na criação de manuais visando formas de prevenção e a promoção dos direitos humanos.

HOMOSSEXUALIDADE ASSOCIADA A ENTIDADES ESPIRITUAIS

Analisaremos agora os enunciados que deixam expostos que estas pessoas entendem a homossexualidade como a manifestação de entidades demoníacas ou espíritos obsessores. Este tipo de associação é bastante comum nos discursos homofóbicos, principalmente quando disseminados por religiosos/as, como aponta NATIVIDADE (2009, p. 145 a 146):

“Os sujeitos marcados como impuros nesses discursos evangélicos podem, eventualmente, ser demonizados, evidenciando uma sinergia entre intolerância sexual e intolerância religiosa. Um exemplo é o artigo de autoria atribuída ao Núcleo Cristão de Informação (NCI), intitulado “Adeus à inocência: manifesto cristão de alerta contra o avanço da defesa da pedofilia e da relação íntima entre ativismo homossexual e movimento pedófilo”. O texto veiculado no site deste grupo sugere a existência de uma agenda comum entre estes “movimentos”, e que uma parcela dos praticantes do homossexualismo que supostamente advogam em prol da pedofilia poderia ser de endemoniados: Isso mesmo: endemoninhados, possessos por espíritos malignos.”

A associação entre homossexualidade e pedofilia, abordada na citação acima, será discutida em outro tópico; por enquanto, iremos nos ater aos enunciados de *Raiane*, *Hélio*, *Laís* e *Catarina*. Os quatro levantam suas opiniões associando a condição do indivíduo “estar” homossexual ser relacionada a demônios e entidades que se apoderam de seu corpo. Subentende-se isso nas poucas palavras de *Raiane* – “*PT: Partido das Trevas*” – e de *Hélio* – “*Do jeito que o diabo gosta*”. Duas frases em que ambos, automaticamente, associaram homossexualidade à questão abordada. Mas os enunciados de *Laís* e *Catarina* são bem mais explícitos quanto a este modo de pensar. *Laís* conta, em seu comentário, que seu vizinho só “é” homossexual quando seu corpo é apoderado pelo espírito da pomba gira, uma popular entidade da Umbanda. *Catarina* expressa o medo de seus filhos, de oito e três anos, terem contato com uma suposta cartilha gay. A religiosa usa a expressão “*Deus me livre!*” seguida da frase que demonstra seu orgulho em ensinar aos filhos, desde cedo, que a homossexualidade é coisa do diabo.

Observamos o quanto a religião, mais uma vez, é uma das principais formadoras do estereótipo homossexual com tantos atributos negativos. Difundir a ideia de que homossexuais são seres possuídos por demônios é uma das formas mais eficazes de preconceito, utilizada pelas igrejas, para defender seus argumentos quando um/a homossexual que frequenta esta igreja está em conflito com a sua orientação sexual. São inúmeros os relatos de pastores/as que exorcizaram demônios de pessoas que “eram” homossexuais e, hoje, vivem “*heterossexualmente normais*”. NATIVIDADE (2009, p. 129) discute a “homofobia pastoral” que, inferiorizando os homossexuais, é:

“identificada na perspectiva evangélica de ‘acolhimento’ aos homossexuais, sustentada por certas iniciativas religiosas, que incorpora pessoas LGBT aos cultos, visando ao seu engajamento em um projeto de regeneração moral, pela

É perceptível que a associação do/a homossexual a entidades demoníacas é, automaticamente, uma forma de “desumanizar” este sujeito. Conforme SANTOS et al. (2009, p.9), em uma pesquisa acerca das autopercepções e das percepções sociais acerca da desumanização dos/as homossexuais, concluíram que:

“Com a história da humanidade sendo marcada por tantas perseguições contra os homossexuais, é notável que nos dias atuais ainda haja uma representação social hegemônica negativa construída sobre esse grupo. A visão que a sociedade tem da homossexualidade é ainda predominantemente relacionada aos estereótipos criados ao longo do tempo, o que indica que a norma antipreconceito contra os homossexuais não está sendo muito efetiva, permanecendo uma visão infrahumanizadora desse grupo social. Como vimos, a infra-humanização, assim como as outras formas de desumanização, pode ser utilizada para justificar e legitimar a discriminação e até mesmo a anulação dos direitos humanos dos grupos minoritários.”

A HOMOSSEXUALIDADE INFLUENCIADA

O medo do/a filho/a se “tornar” homossexual é algo comum na maioria das famílias, principalmente nas mais tradicionais e cristãs. É muito frequente os pais se esforçarem em ensinar o/a filho/a a ser um homem/mulher heterossexual desde muito cedo. A roupinha do time de futebol talvez seja a única preocupação do pai para o enxoval do filho, antes mesmo dele nascer. Após o nascimento, o pai e/ou a mãe já estimulam o filho a ser “macho”, a jogar futebol, a ser agressivo com os outros meninos, a olhar para as mulheres e esbanjar heterossexualidade. O exemplo acima é de um pai e/ou mãe para com o filho, porém, a preocupação é a mesma de uma mãe e/ou pai para com a filha, mas o que mais chama a atenção é o fato de que as famílias não estão preparadas para ter um/a filho/a homossexual.

Nos enunciados analisados, na publicação do pastor Marco Feliciano, temos o discurso de *Sara*, que tem, aparentemente, como único argumento contra o partido político em questão, o fato do mesmo ir contra o princípio de Deus, mesmo que a candidata à presidência fosse a melhor indicação ao cargo. O fato em questão é o Governo “*querer formar heterossexuais em homossexuais*”. A comentarista ressalta que respeita o próximo, independente da “opção” sexual, mas acha um absurdo a mãe ganhar um filho e não poder nem dizer se é um menino ou uma menina.

O discurso de *Sara* nos mostra que a mesma não sabe diferenciar “orientação sexual” de “identidade de gênero”, e ela acredita que discutir a sexualidade em sala de aula pode influenciar na formação de indivíduos homossexuais, visto que compartilha da ideia de que essa condição seja uma “opção” dessas pessoas. Conforme LOURO (2008, p. 18), “a construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infundavelmente.” Sendo assim, não vai ser uma discussão em busca do respeito ao próximo que irá tornar uma pessoa homossexual.

A comentarista Érica chega a dizer que essa questão é um caso de polícia, e que as crianças e adolescentes precisam ter seu tempo de inocência respeitado, rebatendo que a diversidade sexual discutida nas escolas é uma distorção aos princípios cristãos. *Luana* mostra todo seu preconceito sendo impositiva ao dizer que não aceita isso para seu filho, porque o cria para ser um homem de Deus, e não um gay. O mais irônico é que, nesta mesma fala, ela diz *não* ter preconceitos.

Francisco aproveita o ensejo para marcar um amigo virtual na publicação a fim de alertá-lo sobre o risco que os sobrinhos deste correm, diante do apoio do Governo à difusão de “*coisas podres*” em todas as classes da sociedade brasileira. Percebemos que os temores desses/as comentaristas fazem com que as questões em torno da sexualidade pareçam ser mais importantes que qualquer outra questão prioritária ao Governo Federal. Como já exposto, *Sara* deixa claro que mesmo se a candidata fosse a melhor presidente para o país, não merecia a posição se não tivesse aliança com os princípios cristãos. Segundo LOURO (2000, p.22): “Para os grupos conservadores tudo isso parece muito subversivo e ameaça atingir e perverter, também, conceitos, valores e ‘modos de vida’ ligados às identidades nacionais, éticas, religiosas, de classe”.

Sílvia faz um extenso discurso exaltando a importância da escola em orientar as crianças para que respeitem ao próximo, independente da orientação sexual, cor, etnia, raça ou classe social; porém, a mesma se indigna com o fato da escola passar a “induzir e estimular” as crianças “optarem” pela homossexualidade. De acordo com *Sílvia*, estaríamos vivenciando um “processo de *gaysificação*” da sociedade, e se nenhuma iniciativa for tomada, a população terá que lutar contra um possível movimento “*heterofóbico*”. *Luís* também teme a “*ditadura gay*”, mas promete uma guerra em que Deus não permitirá a destruição da família honrada.

Temos, também, no comentário de *Alexia*, a preocupação com a filha de dois anos diante de um ambiente escolar que discuta a diversidade sexual. A mesma chega a dizer que prefere ser presa e nunca mandar sua filha para escola, caso a menina tenha que “*aprender*” a burrice que querem implantar. E, por fim, o enunciado de uma professora, *Sandra*, que em quarenta anos do magistério, defende o direito de educar as crianças a partir de valores e crenças cristãs, sendo contrária aos conceitos de “*grupos radicais*” que querem incentivar a homossexualidade.

Para NATIVIDADE (2009, p. 125), “a homofobia corresponderia, deste modo, a um efeito constitutivo da norma da heterossexualidade compulsória – intrínseco a esta, condição sine qua non de sua reiteração”. Podemos observar que essa norma da heterossexualidade compulsória é muito forte e faz com que uma simples introdução da temática LGBTTT nas agendas transversais dos currículos escolares pareça ameaçador e extremamente perigoso e, complementando, “ao se afirmar a ‘heterossexualidade’ como única e legítima forma de exercício do desejo, confere-se inteligibilidade, importância e materialidade ao ‘sexo’ biológico.” Nota-se, em muitos enunciados homofóbicos, a preocupação demasiada com o ato sexual em si, e com a ‘posição’ de cada um neste ato. O homofóbico não consegue enxergar que numa

relação homoafetiva possa existir cumplicidade, amizade e carinho, não existindo apenas a prática sexual.

O que leva esses/as disseminadores/as de preconceito a acreditar que a “homossexualidade” pode ser aprendida/ensinada é o grande problema que gera tamanha ignorância e preconceito que afeta milhares de famílias em todo mundo. O preconceito, em casa, se torna tão insuportável que é constatado que muitos/as jovens adolescentes homossexuais atentam contra a própria vida, como é abordado por RONDINI *et al.* (2012, p. 656):

“Inúmeros estudos mostram que a taxa de suicídios é elevada, entre o(a)s adolescentes homossexuais. Nos Estados Unidos, os jovens homossexuais (de ambos os sexos) representam um terço de todos os suicídios juvenis (enquanto os homossexuais constituem, no máximo, 5 ou 6% da população) (Remafedi, 1994; Savin-Williams, 1996). No relatório da Secretaria da Força-Tarefa do Governo dos Estados Unidos (Paul Gibson, 1989) sobre o suicídio juvenil, revelou-se que os jovens gays são de duas a três vezes mais propensos a tentar o suicídio comparativamente aos jovens heterossexuais, compreendendo o total de 30% anual de suicídios juvenis.”

E são justamente nessas famílias, de pessoas que são contra a inclusão da agenda transversal nas salas de aulas, que muitas vezes existem jovens que tiram a própria vida por não se sentirem aceitos/as, nem por eles/as mesmos/as. Fácil entender essa atitude, tendo em vista que a própria família é contra o que o/a seu/a filho/a “é”, e não o que ele/a se “tornou”, como pensam. As próprias famílias negam que, nas escolas, seus/as filhos/as sejam aceitos/as como qualquer outro/a jovem, independente de sua orientação sexual. A ignorância em pensar que a homossexualidade é algo que se aprende, fomenta, cada vez mais, as estatísticas de suicídio entre os/as jovens homossexuais.

HOMOSSEXUALIDADE ASSOCIADA A PATOLOGIAS

Apesar do termo “*homossexualismo*” ter sido abolido em 1973 da lista de distúrbios mentais da Associação Americana de Psicologia, quarenta anos depois, muitas pessoas ainda acreditam que a homossexualidade é uma doença, e que pode ser tratada, levando o indivíduo à cura. Nos enunciados analisados na publicação da página do pastor e deputado Marco Feliciano, há o comentário de *Edir*, que menciona, em época de eleições, o Deputado João Campos (PSDB-GO), dizendo que o mesmo é líder da Frente Parlamentar Evangélica da Câmara, e que “*pretende permitir que a homossexualidade seja tratada como um transtorno passível de cura. Para tanto o projeto de decreto legislativo prevê a abolição de dois artigos instituídos em 1999 pelo Conselho Federal de Psicologia que proíbem a emissão de opiniões públicas ou tratamento da homossexualidade como transtorno*”. Embora saibamos que o Deputado não tem poder para simplesmente “permitir” que façam tratamentos em homossexuais, e também nosso foco não é discutir se de fato o enunciado é verídico ou não, o que

temos que levar em consideração é a existência de pessoas que demonstram nas redes sociais que acreditam que a homossexualidade seja uma patologia.

Temos também o comentário de *Marcus* afirmando que a homossexualidade é uma doença, comparando-a à pedofilia. *Marcus* acha “incrível” os/as homossexuais afirmarem terem nascido com essa orientação, e diz que isso seria o mesmo que dizer que um indivíduo que abusa de crianças nasceu pedófilo. Os argumentos do comentarista são passíveis de problematização visto que ele faz um paralelo comparativo entre *homossexualidade – pedofilia – zoofilia*. O mesmo argumenta que todos os seres humanos possuem atrações sexuais que podem ser despertadas (homossexualidade, pedofilia e zoofilia, por exemplo), mas que é preciso se salvar desses transtornos sexuais através da libertação da palavra de Deus. Embora o intuito de *Marcus* seja associar a homossexualidade a entidades espirituais, como a pomba-gira, citada por ele, o mesmo associa a homossexualidade a dois transtornos psiquiátricos: zoofilia e pedofilia.

Em 2006, quando o Projeto de Lei da Câmara nº 122/06 propunha a criminalização de qualquer forma de discriminação motivada pela orientação sexual, os/as religiosos/as e/ou homofóbicos/as se uniram em uma estratégia de atuação contra o PLC, convocando a população para reagir contra a tramitação do projeto, através de orações, jejuns, passeatas, envio de abaixo-assinados aos/as parlamentares, entre outras ações. A argumentação era que a aprovação do projeto acabaria conduzindo “ao ‘extermínio do heterossexual’, à ‘destruição da família brasileira’, a atitudes heterofóbicas, ao crescimento da pedofilia no país, ao aumento da difusão da epidemia de AIDS.” (NATIVIDADE, 2009, p. 141)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pode, com esse estudo, querer traçar perfis de homofóbicos/as, ou categorizá-los/as em uma espécie de “subtipos”, até porque é sabido que cada indivíduo traz uma infinita gama de vivências que abrange todo o seu conhecimento de mundo acumulado desde fatores históricos, econômicos, culturais e sociais; porém, é perceptível uma realidade em todas essas vozes desesperadoras: a necessidade por impor a “sua” verdade única, exigindo que o mundo aceite-a como superior a qualquer outra, e todas as suas argumentações visam persuadir o/a seu/a interlocutor/a a uma única forma de ser, viver e agir: a forma heteronormativa.

O discurso disseminado, em prol da heteronormatividade, passa a ser representado como um remédio contra os males que podem desestruturar os lares, as famílias, os relacionamentos interpessoais. Não aderir ao que esses enunciados pregam é contrariar o que eles/as defendem como normal e sadio, e, dessa forma, o sujeito que ir contra essa imposição, não faz jus a uma imensa lista de possibilidades que o tornariam melhor diante à sociedade e a Deus.

A intolerância visualizada nas redes sociais é preocupante, principalmente

quando ela passa a afirmar questões que denigrem os/as LGBTTT, a ponto de ocorrerem crimes violentos contra alguns membros desse grupo, como é visto diariamente nos meios de comunicação. Esse tipo de violência escancarada diariamente é produto dos discursos de ódio e preconceito gerados, nutridos e espalhados, na maioria das vezes, por religiosos/as e/ou conservadores/as que se dizem propagadores/as do amor e da palavra divina. Importante ressaltar que não se trata de uma generalização, porém, nos enunciados analisados para este trabalho, grande parte dos/as comentaristas se encaixa nesse perfil.

A necessidade de discutir, problematizar e refletir acerca do combate à homofobia é urgente. Essa educação reflexiva não deve ser só nas salas de aula, mas também nos ambientes laborais, explicitando a importância de que, independentemente de nossa orientação sexual, somos co-responsáveis pelos discursos intolerantes que lemos nas postagens das redes sociais; nossa forma de colaborar pode ser começando a denunciar esse tipo de publicação. O *Facebook* já possui essa ferramenta e funciona com muita precisão. Qualquer publicação considerada ofensiva pode ser denunciada e será analisada por uma equipe especializada. Cabe a nós, enquanto humanos/as e educadores/as, lutar por uma sociedade em que todos/as possam amar e se respeitarem pelo que são enquanto participantes ativos desta comunidade, e não pelos papéis exercidos em suas intimidades, num contexto sexual.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. 2013. **Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais**. Disponível em <http://www.aids.gov.br/pagina/aids-no-brasil>. Acesso em 26 de setembro de 2015.
- CARRARA, S. L. (Org.); HEILBORN, Maria Luiza (Org.); ARAÚJO, L. (Org.); ROHDEN, Fabíola (Org.); BARRETO, A. (Org.). **Gênero e Diversidade na Escola - Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Rio de Janeiro; Brasília: CEPESC; Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2009.
- FOSTER, David W. **Consideraciones sobre el estudio de la heteronormatividad en la literatura latinoamericana**. Letras: literatura e autoritarismo, Santa Maria, n. 22, jan./jun. 2001.
- JÚNIOR, Veriano Terto. **Homossexualidade e saúde: Desafios para a Terceira Década de Epidemia de HIV/AIDS**. Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA). Horizontes Antropológicos, Vol. 8, nº 17, Porto Alegre, 2002. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832002000100008&script=sci_arttext. Acesso em 29 de setembro de 2015.
- LOURO, Guacira Lopes. 2008. **Gênero e Sexualidade: Pedagogias Contemporâneas**. Pró-Posições, v. 19, nº 2 (56), p. 17-23.
- LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. Autêntica Editora, Belo Horizonte, 2000.
- NATIVIDADE, Marcelo. 2009. **Sexualidades Ameaçadoras: Religião e Homofobia(s) em Discursos Evangélicos Conservadores**. Sexualidad, Salud y Sociedad. Revista Latino Americana, nº 2, p. 121-161.
- PENHA, Ariane Rafaela Brugnollo. **Adoção por casais homoafetivos**. Intertemas, ISSN 1677- 1281,

Vol. 16, No 16. Presidente Prudente, 2008. Disponível em <http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/Juridica/article/viewArticle/677>. Acesso em 01 de outubro de 2015.

SANTOS, Mayara Rodrigues; LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; MENDONÇA, Priscila. **Desumanização dos Homossexuais: Autopercepções e Percepções Sociais**. XV Encontro Nacional da ABRAPSO, 2009. Disponível em http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/index.php?option=com_content&task=view&id=350&Itemid=96. Acesso em 31 de setembro de 2015.

TEIXEIRA FIHO, Fernando Silva; RONDINI, Carina Alexandra. **Ideações e tentativas de suicídio em adolescentes com práticas sexuais hetero e homoeróticas**. Saúde e Sociedade. Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo. Associação Paulista de Saúde Pública., v. 21, n. 3, p. 651-667, 2012. Disponível em <http://hdl.handle.net/11449/6581>. Acesso em 01 de outubro de 2015.

VECCHIATTI, Paulo Roberto Iotti. **O que é o PLC 122/06? Entenda o PLC 122/06**. Disponível em <http://www.plc122.com.br/entenda-plc122/#axzz3nN0zFY3H>. Acesso em 01 de outubro de 2015.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-090-2

